Por Maria Paula
mariapaula.df@dabr.com.br



Uma **sexta-feira 13** inusitada



Na sexta-feira, 13 de novembro, meu marido me ligou de um aeroporto na Flórida para dizer que estava em meio ao caos. Leo Imamura seguia para Nova York, onde participaria de um painel internacional de Kung Fu sobre o Muk Yan Jong, o boneco de madeira usado na prática do Ving Tsun. De repente, os voos começaram a ser cancelados, e ninguém ali sabia dizer quando seria possível embarcar.

Por algumas horas, a autoridade de aviação dos Estados Unidos suspendeu decolagens em todo o país. A explicação oficial viria depois: uma falha na estrutura antiga de telecomunicações havia afetado os sistemas de comunicação e radar do controle aéreo.

Enquanto a informação clara custava a chegar, as versões das mídias sociais circulavam com uma rapidez impressionante. Falava-se em ataque cibernético, em ensaio para um apagão global e até numa conspiração que envolvia um caso amoroso entre um CEO de uma gigante tech e uma espiã chinesa culminando num apagão do Outlook para fins pouco católicos. Essa última já vinha praticamente adaptada para Hollywood com roteiro e elenco estrelado.

Pelo telefone, Leo me contava o que via no terminal. Havia gente correndo de um lado para o outro, gente exigindo que seu caso fosse resolvido na frente dos demais... nesse ponto o filme virou uma tragicomédia e eu percebi o quanto é fácil julgar os outros, principalmente quando se está bem longe, no conforto de seu lar.

O fato é que eu mesma sentia uma angústia enorme pela incerteza se algum ataque terrorista podia estar em curso bem no dia em que meu marido estava por lá... o que me fez refletir sobre os pensamentos egoístas a que todos nós estamos sujeitos quando o perigo se aproxima.

Ao ouvir a voz calma do Leo, senti uma enorme admiração pela qualidade de presença que os anos de prática ajudaram a cultivar nele. Em meio à confusão, ele me contava o que sabia, dizia o que ainda estava tentando descobrir e seguia atento ao que podia fazer. Sua serenidade era tão concreta que, depois de cada ligação, eu conseguia esperar um pouco melhor pela próxima. A calma dele me acalmou.

Fiquei pensando no que os momentos críticos revelam sobre nós. Revelam nossos medos e também aquilo que tivemos a oportunidade de praticar em dias comuns. A meditação, as artes marciais ou simplesmente o hábito de reservar algum tempo para olhar para dentro podem nos ajudar a perceber o instante em que a ansiedade começa a decidir por nós. Às vezes, uma breve pausa é o que permite fazer a pergunta certa, conferir uma informação antes de repassá-la ou perceber que a pessoa ao lado está mais perdida do que a gente.

Também ficou evidente a falta que faz uma orientação clara quando tanta gente precisa decidir ao mesmo tempo. Quem está no balcão precisa ter o que dizer. Quem está na fila precisa conseguir ouvir. E quem acabou de receber uma teoria extraordinária no celular pode se dar o tempo de perguntar de onde ela veio.

Leo ia a Nova York ensinar uma prática que faz uso de uma aparelho de madeira em forma de boneco para identificar o potencial de cenários múltiplos e saber como se beneficar deles.

Eu fiquei em Brasília, com o telefone na mão, pensando no que vale a pena praticar enquanto o dia ainda corre como previsto. Da próxima vez que alguma coisa sair do controle, quero ser capaz de fazer por alguém o que a voz dele fez por mim naquela sexta-feira.